FOLHETO
Nº 154
DATA 26/11/02

GOVÊRNO DO ESTADO DO PARÁ

Pará:

A Cultura da Mandioca

IDESP

I.ª REUNIÃO DE INCENTIVO AO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA

MANÁUS / BELÉM, 3 A 11 DE DEZEMBRO DE 1966

GOVÊRNO DO ESTADO DO PARÁ

Pará:

A Cultura da Mandioca

BIBLIOTECA ARTHUR REIS
MANAUS - AMAZONAS

I
D
E
S
P

I.ª REUNIÃO DE INCENTIVO AO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA

MANÁUS / BELÉM, 3 A 11 DE DEZEMBRO DE 1966

FOLHETO
Nº 154
DATA 26/11/02

S U M Á R I O

1. SIGNIFICAÇÃO DO PRODUTO
2. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E PRODUTIVIDADE
3. ACESSO ÀS ZONAS PRODUTORAS
4. NOTAS SÔBRE O MERCADO
5. MODÊLO DE CUSTO E RENTABILIDADE

P A R Á :

A CULTURA DA MANDIOCA

FOLHETO
Nº 154
DATA 28/11/1962

S U M Á R I O

1. SIGNIFICAÇÃO DO PRODUTO

2. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E PRODUTIVIDADE

3. ACESSO ÀS ZONAS PRODUTORAS

4. NOTAS SÔBRE O MERCADO

5. MODÊLO DE CUSTO E RENTABILIDADE

SUMÁRIO

1. SIGNIFICAÇÃO DO PRODUTO

O cultivo da Mandioca no Brasil não se restringe a uma determinada área ou região mas, ao contrário, se estende de norte a sul, sendo os principais produtores os Estados de Santa Catarina, S. Paulo, Pernambuco e Minas Gerais. Com referência ao Pará, examinando-se os dados de 1964, constata-se que para uma produção nacional de Mandioca de 24.355.602 toneladas o Pará participa com 4,37% dêste total (1.062.510 t.)

O Pará é o primeiro produtor regional de raízes de Mandioca contribuíndo em 1964 com 76% da produção Amazônica.

No vintênio 1945/1964 a Mandioca, no Pará, participou com 11,05% do valor total da produção dos 11 bens agrícolas principais. No mesmo período sua contribuição para a renda do Estado foi superior a 4 bilhões de cruzeiros.

Ressalte-se, entretanto, que atualmente a Mandioca no Pará é cultura de subsistência, praticada de forma extensiva e o aproveitamento do produto se encontra vinculado principalmente à obtenção de farinha de mesa, talvez um dos derivados de menor rentabilidade da planta.

Há porém grande possibilidade de expansão da produção, desde que se atente para o melhoramento do cultivo e para o aproveitamento industrial capaz de provocar melhor estabilidade no mercado. Dada a multiplicidade de emprêgos que a planta possibilita (fécula, raspas, farinhas, álcool, acetona etc.) se faz urgente e necessário que providências sejam tomadas no plano industrial com o sentido de fomentar o aproveitamento integral da mandioca.

As possibilidades de mercado para fácil colocação dos produtos ou sub-produtos existem, tanto para o atendimento da demanda do consumidor paraense, como para o fornecimento dos mesmos aos demais Estados componentes da Região e da União. As importações estaduais de farinha de mandioca d'água, fécula e farinha panificável demonstram a viabilidade de mercado para os derivados da planta. Já as exportações indicam existir demanda desses elementos por parte do mercado nacional.

2. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E PRODUTIVIDADE

A distribuição da produção paraense de mandioca por zonas fisiográficas (Quadro I) não ocorre de forma equilibrada mas, ao contrário, apresenta uma concentração nas regiões de maior proximidade com o mercado de Belém, onde também se encontram as maiores densidades demográficas do Pará. Lideraram a produção Estadual no período de 1959/1964 as Zonas Bragantina (35,31%), Guajarina (17,92%), Baixo Amazonas (12,54%) e Salgado (11,78%), concentrando 77,75% da produção total. Destas apenas a Zona do Baixo Amazonas não se situa na área circunvizinha à capital, embora venha ocupando desde 1960 o 3º lugar, dentre as grandes produtoras. Isto é devido ao fato de possuir seu mercado autônomo em cidades importantes como Santarém, Monte Alegre ou Alenquer.

Nas duas primeiras Zonas produtoras os Municípios que se destacaram no quinquênio 1959/1963 foram Igarapé-Açu e Castanhal na Zona Bragantina e São Miguel do Guamá e Bujaru na Zona Guajarina. Vale salientar que a produção da Zona Bragantina de 1959 a 1964 significou o dôbro do que foi produzido na Zona Guajarina, 2a. colocada (Quadro I).

A produtividade média da cultura da mandioca no Pará alcançou 12,4 toneladas no período 1959/1964. Para o mesmo período, o rendimento médio da mandioca na Amazônia alcançou 13,7 toneladas. Comparadas essas cifras com a produtividade da mandioca brasileira no quinquênio 1957/1961, que foi de 13,1 toneladas, verifica-se que o Pará esteve abaixo da média brasileira, enquanto a Amazônia ficou acima.

Em verdade, a pequena desvantagem do rendimento médio paraense por hectare pode encontrar explicações em vários fatores. O cultivo da mandioca no Pará é meramente de subsistência. Os processos de cultivo são sumamente empíricos e pouco racionais. As Zonas Fisiográficas que mais produzem a mandioca não são as que apresentam o solo mais propício para êsse tipo de cultura, pelo menos sem adubação. As variedades de mandioca utilizadas não são as mais produtivas.

Se com todos estes estrangulamentos a mandioca paraense se aproxima da produtividade brasileira, é porque o ambiente ecológico é propício e consegue vencer as adversidades.

Admite-se que a cultura da mandioca no Pará, se racionalizada e feita em moldes empresariais, poderá alcançar rendimentos bem superiores aos da Amazônia. Em abono da afirmativa, técnicos locais no assunto citam uma experiência já realizada na Zona Bragantina, onde a simples introdução da variedade "Ôlho Verde" aumentou o lucro dos plantadores. Ocorre simplesmente que a variedade "Ôlho Verde" consegue produzir econômicamente aos 12 mêses de idade, enquanto as variedades atualmente plantadas só o fazem aos 18 mêses.

O IPEAN vem realizando estudos sôbre linhagem, processos de cultivo e variedades de melhor rendimento - e espera-se contar, dentro de curto tempo, com melhores elementos para orientar a cultura da mandioca para rumos melhores.

XXXXXXXXXXXXXXXX

3. ACESSO ÁS ZONAS PRODUTORAS

Dentre os diversos fatores a serem considerados na análise de um centro de produção ressalta-se, por sua fundamental importância, a questão relativa às condições de acesso a área. Estas é que estabelecem as possibilidades de escoamento do produto até o centro consumidor ou o local de embarque para mercados mais distantes. Quando há ausência destas condições, compromete-se sèriamente a produção agrícola, principalmente com referência aos produtos de fácil deterioração.

O acesso a duas das áreas de maior produção no Pará - Zonas Bragantina e do Salgado - se realiza com enorme facilidade em virtude da riqueza infra-estrutural que elas exibem no tocante a estradas de rodagem que interligam os Municípios entre sí, permitindo também rápida comunicação com o mercado de Belém. Com referência, às Zonas Guajarina e do Baixo Amazonas - também incluídas entre os grandes produtores - o aproveitamento da extensa rêde hidrográfica que as caracteriza possibilita o fácil acesso às áreas de produção. Nestas zonas apenas o acesso terrestre às diversas Colônias dos Municípios é, em parte, dificultado pela existência de pequeno número de estradas de rodagem em bom estado e pelas precárias condições de trafegabilidade que apresentam durante o inverno as suas vias carroçáveis.

A situação dos transportes no que respeita às Zonas produtoras poderá ser examinada com detalhes no documento desta coleção intitulado "Os Transportes no Pará".

§ § § § § §

4. NOTAS SÔBRE O MERCADO

Existe no Pará um mercado interno não desprezível para a mandioca raiz, assim como para produtos extraídos da planta nos níveis artesanal e doméstico. Os padrões indígenas de alimentação, que em muito influenciam os hábitos nutritivos da sociedade paraense, forçam o aproveitamento primário da mandioca para a produção, por exemplo, de tucupi ou de goma (esta na verdade se constituíndo no amido, com a única diferença de ser produzida artesanal ou domèsticamente). A própria fôlha da planta é comercializada para servir à preparação do "prato regional" chamado "maniçoba", que é muito popular.

Resulta dêstes usos que no Pará, diferentemente do que ocorre em outras regiões do Brasil, existe um sistema comercializador da mandioca raiz "in natura" - que pode ser encontrada em feiras e mercados.

Não é possível quantificar o volume de mandioca raiz que é comercializada "in natura". Mas também não se pode deixar de mencionar esta faixa de consumo, quando se trata do mercado interno da mandioca no Pará.

Não há contrôles estatísticos sôbre a produção de derivados da mandioca nos níveis artesanal e industrial. Esta deficiência informativa torna inteiramente impraticável estimar-se a demanda interna dêsses bens - e é evidente a necessidade de se providenciar um sistema de informações à respeito.

Conhecem-se, entretanto, os dados sôbre as importações e as exportações do Estado do Pará e sôbre êles é possível estabelecer observações quantificadas sôbre faixas de mercado.

No período 1959/1964, a média anual das importações paraenses de produtos oriundos da mandioca atingiu 264,4 toneladas. Os produtos importados foram os seguintes, , com suas respectivas médias anuais em toneladas:

- amido	11,8
- farinha de mandioca d"água	7,3
- farinha de mandioca panificável	158,7
- fécula	86,7

5. MODÊLO DE CUSTO E RENTABILIDADE

Em levantamento efetuado em 1965 (julho), o IDESP conseguiu estabelecer a estrutura de custo de uma unidade agro-artesanal produtora de farinha de mandioca, O levantamento foi realizado na Região Nordeste do Pará (Zonas ragantina, Guajarina, do Salgado e Gurupi) e só é representativo para as unidades que produzem a mandioca em regime consorciado isto é, de plantio conjunto com milho e arroz no mesmo hectare.

Assim se distribuiam os gastos da unidade produtora com a mandioca plantada em um hectare e posteriormente transformada em farinha:

	Em %
1. Broca, derruba, queima e coivara	8,75
2. Plantio	4,38
3. Tratos culturais (capinas)	7,96
4. Colheita	5,98
5. Beneficiamento primário (preparo da farinha)	57,30
6. Embalagem	14,32
7. Depreciação (terreno) (1)	1,07
8. Transporte (Fonte produtora-sede do Município)	0,24

(1) - Nêste cálculo não foram incluídos os gastos referentes a depreciação do material utilizado na transformação da mandioca em farinha.

Na mesma ocasião, os técnicos do IDESP calcularam a rentabilidade da mandioca (raiz e transformada em farinha na própria unidade produtora) em 43%, sendo de se notar que, no conjunto dos produtos consorciados no mesmo trato de terra, era a produção de farinha a que atingia melhor rentabilidade.

- XXXXXXXXXXXXXXXXXX -

QUADRO I

ESTADO DO PARÁ

PRODUÇÃO DE MANDIOCA POR ZONAS FISIOGRÁFICAS

1959/1964

Z O N A S	QUANTIDADE (Em t.) 1959/1964	MÉDIA ANUAL	%
BRAGANTINA	628,990	104,832	35,31
SALGADO	209,920	34,987	11,78
GUAJARINA	319,130	53,188	17,92
TOCANTINA	144,900	24,150	8,13
GURUPI	39,000	6,500	2,19
BAIXO AMAZONAS	223,449	37,241	12,54
MARAJÓ E ILHAS	36,886	6,147	2,07
ITACAIUNA	26,640	4,440	1,50
RIO XINGÚ	13,210	2,202	0,74
PLANALTO	59,800	9,967	3,36
TAPAJÓS	8,650	1,442	0,49
JACUNDÁ-PACAJÁ	70.700	11.783	3,97
T O T A L	1.781,275	296.879	100,00

FONTE: DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA - PARÁ

/lf s.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM